

Violência no Rio fura maior esquema de segurança da história

Casos de assaltos, mortes e balas perdidas nas proximidades de áreas olímpicas evidenciam problemas estruturais, impossíveis de se maquiar

por [Deutsche Welle](#) — publicado 11/08/2016 04h33

Clarice Castro/GERJ



Não adianta só ter uma presença ostensiva, o policiamento tem que ser orientado por informações e ser eficiente, diz Dorian Borges

Em apenas cinco dias houve ao menos duas mortes relacionadas a assaltos em áreas estratégicas para os [Jogos Olímpicos no Rio](#): uma durante a cerimônia de abertura, próximo ao Maracanã, e outra na região portuária, perto do Boulevard Olímpico.

Além disso, uma bala perdida atingiu a sala de imprensa do Centro Olímpico de Hipismo, em Deodoro, o ministro da Educação de Portugal foi assaltado em Ipanema e um ônibus oficial da Rio 2016 foi alvo de tiros de baixo calibre quando passava pelo bairro de Curicica, no início da noite desta terça-feira 9.

Os incidentes mostram que nem mesmo o maior esquema de segurança da história do país é capaz de conter a [violência urbana do Rio](#). Segundo o governo federal, são pelo menos 88 mil agentes empregados na operação – entre eles 41 mil soldados das Forças Armadas.

"É inevitável, esses casos vão acontecer e haverá muito mais até o final da competição. Não há como as forças de segurança impedirem isso, o alcance do policiamento é limitado", afirma o consultor José Vicente, ex-comandante da Polícia Militar de São Paulo e ex-secretário nacional de Segurança.

Segundo especialistas, o registro de crimes nas áreas das competições é preocupante, mas deve ficar abaixo do considerado normal para a cidade. "[A presença maciça das Forças Armadas](#) e de policiais deve diminuir as ocorrências, mas não impede que delitos ocorram nas áreas mais vigiadas", afirma o antropólogo e analista de segurança pública Paulo Storani, ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais do Rio (Bope).

Falhas nos preparativos Os especialistas consideram que o registro de crimes não significa necessariamente uma falha no esquema de segurança e está relacionado sobretudo com problemas estruturais. "Da forma como a violência está no estado do Rio, não adianta colocar mais e mais policiais na rua. Faltou prevenção", diz o professor de sociologia Dorian Borges, do Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Nos últimos anos, os indicadores de violência dispararam no estado. Em junho, os roubos a pedestres subiram mais de 80% em relação ao mesmo mês de 2015. No período, os homicídios dolosos (com intenção de matar) aumentaram cerca de 38%, segundo o Instituto de Segurança Pública do Rio (ISP). "O Rio passa por um momento crítico, os índices de violência cresceram às vésperas dos Jogos Olímpicos, quando deveriam estar caindo", afirma Vicente.

Para Storani, o Rio viveu o seu melhor momento em termos de indicadores de violência, principalmente em redução de homicídios e latrocínios, há três anos. "Houve falha nos preparativos para os Jogos Olímpicos, já que isso deveria ter sido continuado", diz.



Forças Armadas ocupam vias expressas da cidade (Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil)

Falta de investimentos

Os especialistas criticam a falta de investimentos no setor e a escassez de efetivo policial. Em junho, o Rio decretou estado de calamidade pública e deixou de pagar o salário de servidores, incluindo policiais.

Para Storani, houve também um esgotamento do modelo das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora), que teria se expandido para além das possibilidades do Estado. "Não era sustentável. Todo efetivo que era formado era destinado para as UPPs, e os batalhões que cuidam da área urbana ficaram sem efetivo para o policiamento ostensivo", diz.

Ele critica também a falta de investimentos sociais nas áreas ocupadas pela polícia. "Teve um resultado positivo no primeiro momento, mas depois [deixou de surtir efeito](#), porque os criminosos retornaram e começaram a promover ataques aos policiais que permaneceram."

Coordenação e treinamento

Na opinião de Vicente, a organização de longo prazo da segurança dos Jogos deixou muito a desejar. Ele lembra que o Rio recebeu uma série de grandes eventos internacionais, como os Jogos Pan-Americanos, os Jogos Mundiais Militares, a Rio+20, a Copa das Confederações, a Jornada Mundial da Juventude e a Copa do Mundo, e as autoridades poderiam ter aproveitado essas oportunidades para treinar policiais e integrar os órgãos de segurança.

"Um ano antes de um evento como esse, todos os protocolos e agências da polícia civil, militar e federal deveriam estar coordenados. Precisava ter um banco de dados único, um sistema de inteligência compartilhado com as Forças Armadas", afirma. "Um mês antes, eles ainda não conversavam entre si. O planejamento final da segurança foi feito em junho", diz.

Vicente defende que o país deveria ter investido em inteligência e em sistemas de segurança, como softwares de controle e monitoramento do crime e do trabalho policial. "Nada disso aconteceu. E, nos últimos três anos, fizemos uma formação ruim e atropelada de policiais", afirma.

Borges acrescenta que seria necessário implementar políticas preventivas, de desarmamento e de policiamento estratégico. "Não adianta só ter uma presença ostensiva, o policiamento tem que ser orientado por informações e ser eficiente. A atuação tem sido só [repressiva](#)."

Por Marina Estarque, do Rio

